

Maracia, Bruno Cesar Burin (Bruno Maracia). Poéticas do vazio: A criação cênica em trânsito. Belo Horizonte: UFMG. Iniciação Científica Voluntária Licenciatura em Teatro. EBA-UFMG. Orientação Eugênio Tadeu Pereira. Ator e bailarino.

RESUMO

O presente trabalho surgiu a partir de indagações quando participei das discussões no Grupo de Trabalho Territórios e Fronteiras da Cena da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas – ABRACE, em seu IX Congresso em 2016, bem como de minhas *práxis* como estudante das Artes Cênicas, docente em formação e integrante de um projeto de Iniciação Científica que investiga o aquecimento vocal/corporal. Tomando como base aportes teóricos nas áreas da Arte, Sociologia e Filosofia, é percebido que em nossa formação, afetiva e profissional, fomos acostumados, de certo modo, a pensar, a perceber e a nos identificar de forma fragmentada. Neste sentido, pensamos de uma maneira fragmentada, ou seja, separamos algo que deveria ser uma unidade, isolando suas partes. Na contramão desse sistema, a abordagem na qual denomino de *poética(s) do vazio* propõe-se o desenvolvimento de dispositivos de rupturas de fronteiras, isto é, a quebra de limites isoladores, tornando fronteiras de ligação, de trânsito. A partir desse princípio, procura-se verificar como o processo de subjetivação está atrelado aos procedimentos do sistema educacional. Busco também pensar como esse espaço de trânsito pode ser um dispositivo pedagógico para o ensino de artes da cena.

Palavras-chave: Artes da cena. Dispositivo pedagógico. Fronteira. Vazio.

ABSTRACT

This work grew out of questions when I attended the discussions in the Working Group territories and borders of the Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas – ABRACE, in its IX Congress in 2016, as well as my Praxis as a student of the performing arts, teacher-in-training and member of a scientific research project that investigates the vocal/body heating. Based on theoretical contributions in the areas of art, Sociology and Philosophy, is realized in our affective and professional training, we were accustomed to, in a way, to think, to realize and to identify us in fragmentary form. In this sense, we think of a fragmented way, i.e., something that should be a separate unit, isolating their parts. Against the grain of this system, the approach on which style of poetics (s) of the proposed development of border disruptions devices, i.e. the breaking of boundaries, making insulators connecting borders, transit. From that beginning, wanted to see how the process of subjectivation is related to the procedures of the educational system. I seek also to think how this transit space can be a pedagogical device for teaching the arts scene.

Keywords: arts scene: pedagogical device: border: empty.

Poéticas do vazio: A criação cênica em trânsito

Bruno Maracia

Abrir ou fechar a porta?

O presente texto tem como objetivo refletir uma possível abordagem no fazer cênico, a qual denomino de poética do *vazio*. Ele foi elaborado a partir de algumas reflexões durante a leitura de artigos para as atividades de Iniciação Científica Voluntária da pesquisa de Pós-Doutorado “O aquecimento vocal para o trabalho cênico: indagações e procedimentos” do Professor Doutor Eugênio Tadeu, docente da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, e de minha participação nas discussões no Grupo de Trabalho Territórios e Fronteiras da Cena da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas – ABRACE, em seu IX Congresso em 2016, bem como a partir de minha práxis como estudante das Artes Cênicas e docente em formação.

No percurso de meus estudos, percebi que o assunto *fronteira* nas artes da cena, como campo híbrido de criação, tem estado latente e presente em conversas, discursos e seminários na área. Com as provocações que me vieram sobre o assunto, esse tema despertou boa parte de meu interesse nos processos da pesquisa artística e tem me chamado a atenção crescentemente. Apoiado neste tema, nas reflexões de alguns pesquisadores e naquelas que venho fazendo, busco saber e compreender o que é essa *fronteira* que é tratada frequentemente nos discursos do campo artístico da cena. Em meio a essas discussões, percebo que a fronteira está sendo discutida em duas vertentes. A primeira é a *fronteira* que isola, como uma barreira, uma “porta fechada”. Já a outra, é uma *fronteira* de ligação, na qual há um trânsito entre um lado e outro dessa fronteira, uma “porta aberta”.

“Entrando para dentro”

Para refletir sobre *poética do vazio*, começo, primeiramente pensando a partir de uma primeira observação, ainda incipiente, sobre uma breve análise das terminologias das escolas brasileiras que estamos acostumados a ver, nas quais são constituídas por uma nomenclatura que me chama bastante atenção. Para refletirmos, proponho que pensemos nos nomes com o quais nos deparamos ao passar de ano nas escolas. O que estou querendo chamar atenção é para a nomenclatura utilizada pelas instituições educacionais, *série*, assim como já pensado por outros pesquisadores, na qual entendo o mesmo como caixas isoladoras.

Na fala de Andrea de Pascual (2016) em uma conferência no IX Congresso da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas – ABRACE, em 2016, ela nos fez pensar que os métodos desenvolvidos nas escolas básicas e superiores a partir dos currículos globais, são aprisionadores, uma vez que o mesmo serve para domesticar os corpos, fazendo com que entrem em um sistema recortado e doutrinado, levando a um grau máximo de alienação do sujeito com ele mesmo e em relação aos conteúdos escolares.

Assim como o recorte de isolamento das caixas, trago a ideia do recorte e submissão do uso da linguagem. Se formos pensar em uma subversão do que nos é “imposto” em nossa forma educacional, acabamos caindo em um lugar no qual o sujeito está a todo momento exposto à linguagem e formas de organizações. Ou seja, estamos o tempo todo, nos tornando estrangeiros no próprio corpo, no exercício contínuo de libertação e aprisionamento seja por nós mesmos, pelo outro e por todo um sistema que cria uma *teia* de poder e saber, pois não temos como imaginar um sujeito sem linguagem exclusivamente.

Voltando e comparando a nomenclatura *série* com o fato de estarmos sujeitos à linguagem, posso dizer que estamos criando caixas isoladoras a todo instante e talvez perdendo aquilo que realmente nos interessa. Com esta ideia, convido o leitor a fazer um *zoom* na imagem das caixas e analisar o que há *entre* uma caixa e outra, pois ao ver que este lugar, que estou chamando de *entre*, é pouco discutido e explorado, formando assim fronteiras isoladoras, como uma “porta fechada”. Mas a fronteira, na qual me debruço é a fronteira que pode vir a ser algo que favoreça a ligação, como uma ponte. Fronteira essa que chamo aqui de *poética do vazio*.

Entrando para fora em um novo dentro

Quando pensamos em “vazio” a imagem que acaba nos vindo é uma imagem de ausência, perda ou vácuo. Isso acontece como consequência da maneira que fomos ensinados a pensar e a nos referir de forma fragmentada, como as caixas isoladoras. O *vazio* a que me refiro, retomando o tema, vem como “uma porta para o inacabado” (CALVINO, Ítalo. 1988, p136), como uma “porta aberta” para criação, tendo esse vazio como uma fronteira (não fixa) de ligação.

Se formos pensar na Literatura, e principalmente no que se refere aos poemas de modo geral, percebemos que eles são constituídos em um lugar em que se tira a palavra ao invés de pô-la. Pois, ao ler, o leitor se “depara” como um *vazio*, na qual ele “cai”, e ele mesmo inicia um processo de criação a partir dessa “porta para o inacabado” (op. Cit., p.136). Ou seja, se o leitor cria quando está nesse *vazio*, é porque algo está em movimento, como se algo tirasse a ideia de um corpo centralizado, fixo. O poema deixa o leitor em uma espécie de “espaço intervalar”, ou seja, aquele espaço no qual ele se vê em movimento diante do texto. Ele não é fixo e não enrijece. É um “lugar” de vibração, transmissão. A isto, estou chamando, aqui, de *vazio*.

Quando chamo a atenção no espaço *entre* as caixas, é porque acredito que o sistema educacional, principalmente na formação superior, a meu ver, traz para seus alunos dados/informações isoladas, na qual deveriam tratar mais assuntos ou temas que estão nessa fronteira que ainda é bastante nebulosa, ao invés de reafirmar práticas que estão enrijecendo o modo de pensar e de se referir a si mesmo ou ao próprio conhecimento artístico. Para que não continuemos fomentando a prática escolar, como uma doutrinação do modo de pensar e de se colocar para o do outro, tal qual um modelo de reprodução de prisão, como diz Viviane Mosé (2010) em sua palestra intitulada “O valor da mudança”.

O que está sendo proposto neste texto é uma abordagem que proporcione ou

possibilite se deparar com o não sabido. A entrada da porta para o *vazio*. No sentido em que este seja um dispositivo de criação, para o intérprete se permita transitar por um terreno que ainda não o é conhecido, deixando este em um “lugar” de vibração, pois, como dizia Zygmunt Bauman (2011), é “neste momento de *meio* que se rompe a fronteira entre prisão e mundo externo”, assim, como, o poema falado anteriormente.

Quando nos deparamos com esse estado de “meio” fronteiro, chamado aqui por mim de *vazio*, em que é um “lugar não-localizável” (BAIOCCHI, 2007), por isso *estado* de meio, passamos pela “porta para o inacabado” de Calvino. Creio que tal prática de atravessar, seja um potencial para o ensino de artes da cena, como fonte geradora de energia, já que este *vazio* é entendido não como a falta de algo, mas sim, como uma mola tensional para a criação, assim como no *vazio* das palavras de um poema, de uma forma geral, na qual não conseguimos localizar.

O entre é um lugar não localizável e o acontecimento é incorporal. A estrutura paradoxal é outro aspecto que o entre e o acontecimento compartilham. Tensão e entre constituem dois pontos de vista sobre o mesmo abismo. O entre refere-se à dimensão espacial desse não-lugar, abissal e insondável. O acontecimento expressa a tensão nesse não-espaço. A separação é operacional porque o acontecimento-tensão não pode ser desvinculado de sua localização-entre (BAIOCCHI, Maura. 2007, p 56).

No meu entendimento, fazendo uma analogia ao poema de Calvino, a práxis do que chamo de *vazio*, gera energia, que por sua vez gera pulsação, que por ora deixa o docente e ou intérprete-criador em “estado intervalar” e em movimento, vibração e trânsito. Ou seja, o docente e ou intérprete-criador começa a exercitar a sua entrada pela porta do inacabado, do imprevisível, saindo ou tentando sair da caixa binária (fronteiras isoladoras) “imposta” socialmente e culturalmente, na qual ele se torna estrangeiro do próprio corpo, pois, a ideia e o entendimento de corpo (material concreto – palpável, visível a olho nu) está sendo questionada. Tal questionamento vem paradoxalmente, na tentativa de entender se tal *vazio* que o próprio habita, e o *vazio* que esta ao entorno desse material concreto, pode também ser chamado de Corpo.

O entre existe não somente entre um corpo e outro, mas também no interior do corpo, em seu processo constitutivo, e nesse sentido a natureza paradoxal do corpo é corporal e incorporal ao mesmo tempo. Não existem somente meios entre corpos, mas o próprio corpo é também um meio habitado ele mesmo (BAIOCCHI, Maura. 2007, p, 56).

A reflexão sobre o experienciar em ser estrangeiro do próprio corpo devido ao constante fluxo de pulsação, na qual o corpo gera e ele mesmo desfruta, está em um estado contínuo de processo de criação com o espaço e, no caso cênico, criação com esse espaço, isto é, “o corpo seja uma realidade pela qual atravessa” (BAUSCH, Pina. 2000, p. 11-13).

Partindo dessas reflexões, acredito que o lugar da criação cênica é realizado no atrito do campo do caos, da irregularidade, do estranho, do inesperado, do assimétrico, como uma estruturação, assim como chamo, campo do vazio, uma vez que esse campo é composto por elos invisíveis podendo se assemelhar com um estado de “desorganização”, no sentido que desorganização ou vazio, seja a porta de entrada, como impulso, para uma busca de uma poética decorrente sobre si, o fazer dentro de uma conexão/inter-relação interna do criador e processo de criação, para a criação da performance cênica.

Considerações finais: Transitando por um caminho desconhecido

Retomando ao que Bauman (2011) chamou de *meio*, começo a finalizar minha reflexão. O termo, *meio*, do autor citado, traz o entendimento de que o sujeito encontrará a liberdade neste estado intervalar, por mais que esse lugar seja entre duas barreiras fixas, como uma prisão. Sendo assim, retomando à alusão das *caixas* e os espaços do *entre*, é esse entremeio que estou chamando de *vazio*.

Em suma, creio que a formação em Arte, especificamente na formação na arte da cena, se dá em um estado intervalar, em um campo híbrido. Pois, é nesse campo de atravessamentos e inter-relações, de trânsito, com aquilo que não podemos apalpar, mas que nos apresenta de forma concreta. Deste modo, a *poética do vazio* poderia ser considerada, ao meu ver, um dispositivo pedagógico para Arte.

Referências

- BAIOCCHI, Maura & PANNEL, Wolfgang. **Taanteatro: teatro coreográfico de tensões**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007.
- BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Editora Cultrix, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vidas em fragmentos: sobre ética pós-moderna**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BAUSCH, Pina. "Dance, senão estamos perdidos". **Folha de São Paulo**. São Paulo, 27 ago. 2000. Caderno Mais, p. 11-13.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil.
- MOSÉ, Viviane. **O valor da mudança**. Em TEDxSudeste, disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=5YWF7I4-Et8> , acesso 20/01/2017